

CONDIÇÃO METROPOLITANA: ARQUITETURA E CIDADE CONTEMPORÂNEA NO RIO DE JANEIRO

*METROPOLITAN CONDITION: ARCHITECTURE AND THE CONTEMPORARY CITY IN
RIO DE JANEIRO, BRAZIL | CONDICIÓN METROPOLITANA: ARQUITECTURA Y CIUDAD
CONTEMPORÁNEA EN RIO DE JANEIRO, BRASIL*

GUILHERME LASSANCE

RESUMO

O Rio de Janeiro está hoje confrontado a novas dinâmicas urbanas estimuladas pelo crescimento econômico da cidade e do País. Apesar de reunir um importante acervo de obras pertencentes à história da arquitetura brasileira, a cidade, que esteve relativamente ausente das páginas do jornalismo especializado, se oferece hoje como um território cada vez mais cobiçado por grandes firmas internacionais. Neste texto, pretende-se argumentar, no entanto, que é possível encontrar, na metrópole carioca, uma série de realizações pertencentes a diferentes momentos de sua história urbana, incrivelmente alinhadas com os rumos que tem tomado o debate arquitetônico e urbanístico internacional. Referências que, atualizadas e divulgadas, podem nos ajudar a construir uma visão e uma atitude mais afinada com a condição metropolitana das nossas cidades, assim como a reorientar a própria formação do arquiteto e urbanista.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura contemporânea. Metrópole. Referência projetual. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Rio de Janeiro is facing new urban dynamics stimulated by the economic growth of the city and the Country. Although it has an important collection of works that belong to the history of Brazilian Architecture, the city, which was relatively absent from the pages of the specialized media, is at present a territory increasingly ambitioned by large international firms. In this paper we intend to argue, however, that it is possible to find in the metropolis of Rio a series of accomplishments belonging to different moments of its urban history that are incredibly in alignment with the direction that the international urban and architectural debate has recently taken. References which, once updated and published, can help us envision and develop an attitude more in tune with the metropolitan condition of our cities as well as redirect architectural and urban design education.

KEYWORDS: Contemporary architecture. Metropolis. Design reference. Rio de Janeiro.

RESUMEN

Rio de Janeiro se enfrenta ahora con nuevas dinámicas urbanas estimuladas por el crecimiento económico de la ciudad y del País. A pesar de reunir una importante colección de obras pertenecientes a la historia de la arquitectura brasileña, la ciudad, que estuvo relativamente ausente de las páginas del periodismo especializado, se presenta hoy como un territorio cada vez más codiciado por las grandes empresas internacionales. En este texto, se intenta argumentar, sin embargo, que es posible encontrar en el área metropolitana de Rio, una serie de realizaciones perteneciente a diferentes momentos de su historia urbana increíblemente alineadas con la dirección que ha tomado el debate arquitectónico y urbanístico internacional. Referencias que, actualizadas y divulgadas, nos pueden ayudar a construir una visión y una actitud más alineada con la condición metropolitana de nuestras ciudades, así como a reorientar la formación del propio arquitecto y urbanista.

PALABRAS-CLAVE: Arquitectura contemporánea. Metrópolis. Referencia proyectual. Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma discussão sobre o acervo de referências de projeto hoje disponível para lidar com os desafios da metrópole contemporânea. Essa discussão é oriunda de uma pesquisa a respeito do papel da arquitetura como elemento do planejamento urbano, especialmente em contextos em que há flagrante resistência às ações planificadoras convencionais que se acredita serem uma condição tipicamente metropolitana.

Para tanto, o estudo toma como base o atual momento de redesenvolvimento urbano e econômico da cidade do Rio de Janeiro, tendo-se em vista a situação relativamente privilegiada que a capital fluminense vem conquistando, tanto em nível nacional, quanto no cenário mundial, graças a uma excepcional conjunção de fatores que lhe são muito favoráveis.

De fato, por todos os lados, percebem-se os sinais evidentes desta retomada de crescimento. Nas partes mais centrais da cidade, nota-se a ocupação de vazios urbanos, inclusive em áreas que permaneciam desocupadas há mais de meio século, afetadas por severos processos de desvalorização (Vaz & Silveira, 1999), mas que são hoje alvos de novas dinâmicas por possuírem localização estratégica, atraindo um fluxo cada vez maior de investimentos.

Aproveitando essa nova dinâmica do mercado e o calendário de grandes eventos, as iniciativas públicas voltadas para a criação de novas infraestruturas de transporte, assim como as grandes operações de remodelação urbana, vêm sendo promovidas em parceria com as três esferas de governo, mas, sobretudo, com consórcios empresariais do setor da construção. Dentre elas, o destaque vai para a operação consorciada “Porto Maravilha”,

que visa reurbanizar toda a zona portuária, estendendo-se da Praça Mauá até a península do Caju. Trata-se de um vasto território, de área dez vezes superior à de todo o projeto urbano “*Massena Rive Gauche*” em Paris, França, idealizado por Christian de Portzamparc. Uma outra comparação permite constatar que o linear de orla que se pretende remodelar, com seus quase 6km, equivale a praticamente todo o litoral que Barcelona, na Espanha, vem paulatinamente reurbanizando, há mais ou menos 25 anos, da *Rambla del Mar* ao novo Fórum projetado pelos arquitetos suíços Jacques Herzog e Pierre De Meuron na extremidade marítima da Avenida Diagonal.

Nesse imenso território, ainda hoje ocupado por antigos armazéns em parte aproveitados pela economia do carnaval e habitado por uma população há muito esquecida pelas políticas públicas, a ambiciosa operação consorciada planeja uma grande transformação. Ela será proporcionada, entre outros, pela demolição do viaduto da perimetral, que deverá ser substituído por túneis rodoviários e duas novas vias expressas paralelas à orla — os chamados “binários” —, conectadas aos viadutos remanescentes, como também pela elevação do gabarito das futuras construções de 30, 40 e até mesmo 50 pavimentos em determinados setores e, ainda, pela criação de grandes equipamentos culturais — museus e aquário.

Entretanto, e diferentemente do que aconteceu nos dois casos europeus mencionados, esse programa de importantes transformações urbanas que, se executado na íntegra, deverá alterar radicalmente o *facies* da cidade, parece estar desamparado de referências, tanto em nível teórico-conceitual, quanto projetual, que permitiriam debatê-lo à luz de experiências passadas, fossem elas bem ou mal sucedidas. No afã para conseguir capturar os fluxos de investimentos, agentes públicos e privados eximem-se da discussão sobre o projeto, blindando seus respectivos canais de comunicação com o *álibi* dos prazos impostos pelos comitês desportivos e a alegação dos “interesses maiores” da cidade, que há tanto tempo espera por esta espécie de “renascimento” econômico.

ORIGENS DA ATUAL CONJUNTURA

De fato, desde que a cidade perdera seu estatuto de capital federal e, portanto, toda a economia político-administrativa a ele relacionada, ela atravessou várias décadas de declínio econômico e social, com graves consequências para a produção e conservação de sua arquitetura e infraestrutura urbanística. Desprovida dos recursos e das políticas públicas que outrora promoveram uma produção de reconhecida importância, a cidade ficou literalmente entregue às únicas lógicas de um mercado imobiliário sobrevivente às sucessivas crises políticas, econômicas e financeiras que assolaram o País no último quartel do século passado, buscando assim o lucro mais ágil e imediato graças à reprodução *ad infinitum* das mesmas fórmulas. A concepção desses “produtos” imobiliários privilegiou os princípios da racionalização e repetição de um padrão construtivo e espacial, no qual foram abolidas todas as avançadas e ainda hoje celebradas experiências do passado.

A legislação urbanística acompanhou este processo, conformando a transformação da cidade à lógica dessa produção.

Nas escolas de arquitetura, órfãs de grandes mestres cuja obra pudesse servir de modelo ou referência (Favero, 2009), os professores que mantiveram alguma atividade profissional inculcaram em seus alunos os princípios das técnicas e normas operantes no mercado e que permitiriam a estes encontrar trabalho, rejeitando qualquer debate teórico que pudesse contrariar tal objetivo.

É, portanto, nesse contexto, e com as condições herdadas deste passado, que o meio profissional carioca da arquitetura e do urbanismo olha hoje para o presente e tenta vislumbrar um futuro possível. Suas convicções amparam-se em dois grandes paradigmas. O primeiro deles diz respeito à reivindicação, por parte dos arquitetos, de uma competência técnica propagada pelo modelo dos grandes escritórios norte-americanos, que lhes permitiu (Machado, 2009) e ainda permite conquistar um reconhecimento profissional mais condizente com as novas exigências de qualidade e eficiência dos processos e produtos, desvinculando-os da velha e tradicional imagem do artista criador. Esta foi, em todo caso, uma postura compatível com o momento de fechamento intelectual do País imposto pela ditadura militar. O segundo paradigma estabelece-se de acordo com a ótica de uma visão romântica e saudosista da cidade histórica e pré-industrial, respaldada pela crítica pós-moderna e pelo urbanismo participativo. Esta visão foi grande aliada das políticas e ações de valorização do patrimônio (Lima, 2007). Ela esteve também politicamente alinhada com o processo de redemocratização do País e com os projetos dos programas Rio-Cidade e Favela-Bairro que, na última década do século passado, tornaram-se ícones da urbanística carioca. Ambos foram promovidos pela instância pública e permitiram o surgimento de um novo campo de trabalho para o arquiteto. Incorporando cada vez mais sua atuação enquanto urbanista, este se libertou, enfim, das amarras produtivistas do mercado imobiliário, conquistando assim um novo espaço para o debate e o pensamento crítico.

Nesse sentido, é preciso atentar para o fato de que esses dois programas focalizaram-se, acima de tudo, no projeto de espaços públicos e infraestruturas urbanas, trabalhados para além da arquitetura do edifício, com exceção dos poucos equipamentos públicos projetados com pequeno orçamento nas operações do Favela-Bairro. No caso do Rio-Cidade, as edificações ficaram fora do escopo por se tratar da remodelação de espaços públicos da cidade existente e consolidada; no caso do Favela-Bairro, porque isso fazia parte, como se sabe, das próprias premissas do Programa, que apostou no efeito induzido pelas melhorias da esfera pública sobre a esfera privada (Vaz & Jacques, 2003). Lembremos que, se a década de 1990 foi um momento de intensa experimentação formal por parte de muitos arquitetos pelo mundo, no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro, ela praticamente inexistiu no campo de atuação profissional.

Com que conceitos, referências e experiência podem então os arquitetos responder às atuais e crescentes demandas em termos de arquitetura, principalmente aquelas

que estão hoje associadas a delicadas e complexas intervenções nas áreas mais centrais da cidade existente? Como, em resumo, reconectar a produção do espaço urbano à concepção do edifício?

REFERENCIAIS DE COMPETÊNCIA

A valorização da pura competência técnica pelos escritórios que estão acostumados a trabalhar para o mercado imobiliário tenderá naturalmente a favorecer a reprodução de suas fórmulas para agilizar os processos de projeto e assegurar o lucro dos investidores. Esta parece ser a via adotada pelos principais atores, tanto públicos quanto privados, hoje envolvidos na repaginação da área portuária e suas adjacências, como demonstram os novos empreendimentos comercializados nas imediações do centro da cidade (Lapa, Avenida Presidente Vargas e São Cristóvão).

O recente concurso para o Porto Olímpico, organizado pela seção carioca do Instituto dos Arquitetos do Brasil, ilustra talvez com maior clareza ainda o momento paradoxal pelo qual a arquitetura carioca está passando. Anunciado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil no Rio de Janeiro (IAB-RJ) como uma oportunidade histórica de resgate, pelos arquitetos, do elo perdido com a fabricação da cidade, o concurso acabou revelando a dificuldade do meio para lidar com os desafios atuais. Isso ficou evidenciado, por exemplo, nos equívocos e contradições do próprio edital. Os exagerados índices de ocupação exigidos resultaram em propostas nitidamente incompatíveis, tanto em densidade quanto em gabarito, com a natureza do entorno edificado e sua inserção na paisagem urbana, sem falar nos prejuízos para a “qualidade ambiental”, exigência que se tornou, conseqüentemente, inatingível e inexecutável nos termos do edital. Uma análise dos projetos premiados, assim como dos demais concorrentes, todos expostos e recentemente publicados (Taulois, 2011), reforça o retrato do atual estado de atitudes do campo profissional na abordagem deste tipo de tema: submissão acrítica às demandas do mercado, reprodução de fórmulas consagradas pela especulação imobiliária, textos puramente descritivos e desprovidos de argumentação teórico-conceitual, frequente ausência de referências projetuais atualizadas, com exceção das propostas que se beneficiaram de parcerias internacionais.

É nesse contexto que muitas firmas de arquitetura desembarcam hoje, no Rio de Janeiro, atraídas pela perspectiva de contratação para realização de projetos associados à nova dinâmica pela qual o Rio de Janeiro está passando. Alguns desses projetos são de grande visibilidade e estão vinculados às estratégias de *marketing* da cidade. Exemplos disso são os projetos do novo Museu da Imagem e do Som, que está sendo construído na Avenida Atlântica, e do Museu do Amanhã no *Pier* Mauá, respectivamente assinados pelo escritório norte-americano *Diller + Scofidio* e pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava. Este último foi diretamente convidado e apresentado pelas instâncias municipais para desenhar a obra-farol da operação Porto Maravilha. Essa escolha está certamente relacionada ao fato de tratar-se de um autor de reconhecida importância mundial, detentor de um vasto acervo

de obras de grande impacto visual; ela ilustra, no entanto, um descompasso deste convite com a atualidade do debate crítico internacional que já questiona fortemente a produção do chamado *star system* internacional ao qual está vinculado o mestre espanhol.

HORIZONTE DE ATITUDES

É justamente neste redirecionamento que se pretende aqui propor argumentos em defesa de um imprescindível e já tardio reconhecimento de algumas realizações arquitetônicas e urbanísticas que, apesar de presentes em nossas vidas cotidianas e altamente eficientes como soluções aos problemas e desafios tipicamente metropolitanos de uma cidade como o Rio de Janeiro, são simplesmente ignoradas e até mesmo desprezadas enquanto possíveis referências para projetar. Entende-se que, se a severa crise que tem afetado os tradicionais mercados da arquitetura internacional é um dos aspectos da redistribuição da economia mundial, não se trata, no entanto, de uma simples redistribuição geográfica desses mercados, mas sim de uma redefinição geral dos papéis desempenhados pelos arquitetos em função de suas estratégias ou atitudes projetuais.

Essa redefinição faz eco à teoria do “anti-objeto” de Kengo Kuma, estruturada justamente a partir de uma crítica à arquitetura como produção de edifícios-ícones (Kuma, 2008). Para fundamentar sua teoria, Kuma retraça a linha genealógica dessa tradição, do Renascimento italiano aos grandes mestres do Movimento Moderno, mostrando o quanto o entendimento que se propagou sobre a arquitetura ocidental tende a separar sujeito e objeto, matéria e consciência. “A dicotomia, nos diz ele, entre a consciência e o objeto é exposta, expressa na disparidade entre o espaço retratado através da perspectiva e o espaço realmente vivenciado pelo sujeito” (Kuma, 2008, p.7). Evocando o trabalho de Beatriz Colomina, Kuma sublinha o quanto o consumo das arquiteturas de Le Corbusier e Mies van der Rohe, enquanto referências, foi dependente dos meios de difusão fotográfica da época e, portanto, da produção de imagens fixas e monocromáticas, sendo assim percebidas como objetos facilmente reconhecíveis à distância (Colomina, 1996). A essa tradição “formalista” que, mais tarde, assumiria sua versão monumental transformando-se num grande referencial para a arquitetura icônica internacional, Kengo Kuma contrapõe as qualidades de abertura e de ausência do espaço proposto pela arquitetura tradicional japonesa¹.

Percebe-se, assim, o quanto essa postura nos distancia do paradigma do objeto autônomo e isolado para nos aproximar da ideia de uma arquitetura de tipo infraestrutural, espacialmente contínua e de limites ambíguos com o seu meio.

Movidos por essas questões, jovens arquitetos estrangeiros têm visto em nossa arquitetura estratégias projetuais para serem recicladas e novamente incorporadas. Não é apenas coincidência se as recentes ou reeditadas monografias da obra de Lina Bo Bardi frequentam as mesas de jovens escritórios parisienses e se a Bienal de Veneza de 2010 dedicou uma sala exclusiva a dois de seus projetos menos icônicos e mais “invisíveis”: o

Sesc Pompeia, valorizado por uma enorme maquete, e o Museu de Arte Popular, no Solar do Unhão, em Salvador.

Acredita-se que em nossas cidades, que funcionam irreverentes à fotogenia de suas arquiteturas, no compasso frenético do tempo presente, é possível deparar-se, aqui e ali, com situações e realizações que se tornaram despercebidas porque inconscientemente naturalizadas ou ainda francamente desprezadas pelos arquitetos. Criadas à revelia dos padrões e critérios estéticos estabelecidos pelas mídias especializadas, estas situações revelam, no entanto, “lições invisíveis” sobre uma série de conceitos extremamente presentes no debate internacional da arquitetura e do urbanismo contemporâneos. A atitude cognitiva que permite o reconhecimento dessas situações e realizações enquanto referências projetuais implica em uma desnaturalização dos próprios conceitos de belo ou de feio, indispensável à atitude cognitiva de *reconhecimento*, que visa a transcender a aparência externa para acessar um nível de leitura mais estrutural e diagramático.

Foi imbuído de uma atitude semelhante que o holandês criado na Indonésia, atual Papa da arquitetura contemporânea internacional, olhou para as “lições invisíveis” de *New York* e escreveu seu famoso manifesto retroativo (Koolhaas, 1978). Mais recentemente, cabe citar o incrível guia “*Made in Tokyo*” dos japoneses Kaijima, Kuroda e Tsukamoto (Kaijima *et al.*, 2001). O mapa de uma Tóquio reapresentada por meio de suas arquiteturas “invisíveis” revela, assim, uma “outra” cidade. Os autores do guia admitiram sua dívida para com Kazuo Shinohara, importante defensor de uma releitura da tradição japonesa como meio para combater a racionalidade da arquitetura moderna. Suas ideias, mais tarde, evoluíram no sentido de uma valorização da natureza caótica da urbanidade nipônica (Shinohara, 1981), inaugurando uma série de textos de diversos autores que apontaram para a necessidade de se estudar as especificidades da cidade japonesa e sua arquitetura (Nussaume, 2004). Esses textos muito contribuíram para o desenvolvimento de novos métodos de concepção que viram no uso do diagrama espacial um meio para ultrapassar a questão da aparência externa e, como observado por Toyo Ito em sua famosa análise do trabalho de Kazuo Sejima, “Abstratamente descrever as atividades mundanas pressupostas pela estrutura” (Ito, 1996, p.18). Numa entrevista concedida a Hans Ulrich Obrist para a Bienal de Veneza de 2010, os arquitetos Yoshiharu Tsukamoto e Momoya Kaijima do *Atelier Bow-Wow*, coautores do “*Made in Tokyo*”, valoram a crítica ao formalismo que permeia esta nova atitude. Eles citam o “*Architecture without Architects*”, de Bernard Rudofsky (Rudofsky, 1964), confessando que um de seus objetivos é o de conceber um edifício que não teria sido projetado por arquitetos.

REFERÊNCIAS CARIOCAS

Nas descobertas de lições invisíveis pela cidade do Rio de Janeiro, descobrimos arranjos² programáticos inusitados que remetem ao manifesto retroativo de Rem Koolhaas, mas também a estudos sobre os edifícios híbridos como o que foi publicado, há quase 30 anos,

pela revista *Pamphlet Architecture* (Fenton, 1985). Além disso, observam-se edifícios que desempenham um importante papel para a cidade como articuladores de fluxos intensos, caso dos terminais de transporte que tiram partido de desníveis topográficos, remetendo a conceitos como o da “obliquidade” (Virilio & Parent, 1967).

O reconhecido “*parkway*” do Aterro do Flamengo e até mesmo as praias, como a famosa Copacabana, podem ser vistos como verdadeiras plataformas de eventos que lidam com as “condições de campo” estudadas por Sten Allen (Allen & McQuade, 2011). Podem ser consideradas altamente relevantes por se tratarem de estruturas abertas capazes de lidar com o fenômeno das apropriações informais, imprevistas e efêmeras, que subvertem a lógica monofuncional e especializada do espaço existente, chamando a atenção para a necessidade de se projetar espaços reprogramáveis, muito mais sintonizados com o temperamento oportunista das nossas cidades globalizadas.

O estudo também abordou a questão da otimização do solo urbano impulsionado pela concentração de atividades que Rem Koolhaas e sua equipe chamaram de “cultura da congestão” (Koolhaas *et al.*, 2000), justificando e possibilitando a criação de novos territórios em áreas de difícil ocupação, como encostas íngremes e até mesmo sobre a água.

Finalmente, a questão da imagem da qual se procurou escapar não pode ser ignorada, porque ela tem um papel muito importante nos processos de mercado que estão atualmente em curso na cidade contemporânea. Este trabalho difere, no entanto, da compreensão que os arquitetos normalmente têm de seu tratamento como um mero meio de adjetivação da aparência externa dos projetos. A composição da imagem metropolitana do edifício contemporâneo incorpora, ao contrário, uma dimensão própria, como um projeto autônomo, comportando-se como uma verdadeira interface de comunicação em que a “pele” se transforma em “tela” (Scoffier, 2009). Essa autonomia se justifica, sobretudo, por uma necessidade de ajuste e compatibilização contextual no sentido do desempenho comunicacional.

CONCLUSÃO

Shoppings, praias, parques, edifícios-garagem, condomínios transformam-se, por meio deste tipo de leitura e interpretação, em referências projetuais extremamente potentes para intervir em cidades complexas como as nossas. A potência delas vem, acima de tudo, do fato de ser possível vivenciá-las em nossas cidades e não apenas consumi-las nas páginas impressas ou eletrônicas do jornalismo especializado internacional.

Contribuir com a construção de uma informação que esteja efetivamente relacionada à natureza das situações e dos problemas de concepção em arquitetura, significa, hoje, dar acesso e possibilidade de efetiva experiência espacial às referências utilizadas.

Imbuída do propósito de amparar essa ação de reconhecimento do patrimônio que possui, a pesquisa pretende preencher a atual lacuna criada pela ausência, no Brasil, de iniciativas como a do “*Made in Tokyo*” que, valorizando o que a capital japonesa produziu

de mais autêntico e específico, acabou se transformando em uma das mais importantes fontes de referências projetuais nas escolas europeias, mas também para alguns jovens escritórios em destaque que têm buscado evitar, em suas abordagens da metrópole contemporânea, o que poderia ser a imagem simplista de um modelo ideal. Essa decisão é resultante da observação de que a metrópole constitui, antes de tudo, uma condição cultural globalizada de uma realidade múltipla e que sua feição de amanhã corresponde, em grande parte, à cidade que já existe e ao que será, em todo caso, produzido por processos alheios a qualquer modelo imposto ou controle normativo.

NOTAS

1 O autor de *anti-object* evoca, para isso, a visita de Bruno Taut à Vila Imperial de Katsura onde, segundo ele, não há nenhuma tentativa de se criar um objeto. Prossegue evocando o fato de que “Taut a compara ao palco de um teatro ao ar livre, que é essencialmente um lugar de ausência até que a adição de pessoas, roupas e almofadas coloridas gerem diversos espaços — que Taut chama de inter-relações arquiteturalizadas” (Kuma, 2008, p.22).

2 Esses arranjos interrogam fortemente a lógica da especialização funcionalista com a qual ainda se estruturam os temas das disciplinas de projeto na grande maioria dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo do País.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, S.; MCQUADE, M. (Ed.). *Landform building: architecture's new terrain*. Zurique: Lars Muller, 2011.
- COLOMINA, B. *Privacy and publicity: modern architecture as mass media*. Cambridge: MIT, 1996.
- FAVERO, M. *Dos mestres sem escola à escola sem mestres*. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FENTON, J. *Hybrid buildings, 11: pamphlet architecture*. New York: Princeton Architectural, 1985.
- ITO, T. Diagram architecture. *El Croquis*, v.77, p.18-24, 1996.
- KAIJIMA, M.; KURODA, J.; TSUKAMOTO, Y. *Made in Tokyo*. Tokyo: Kajima, 2001.
- KOOLHAAS, R. *Delirious New York: a retroactive manifesto for Manhattan*. New York: Oxford University, 1978.
- KOOLHAAS, R. *et al. Mutations*. Barcelona: Actar, Arc en Rêve Centre d'Architecture, 2000.
- KUMA, K. *Anti-Object: the dissolution and desintegration of architecture*. London: AA, 2008.
- LIMA, E.F.W. Corredor cultural do Rio de Janeiro: uma visão teórica sobre as práticas da preservação do patrimônio cultural. *Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável*, v.1, n.1, p.78-91, 2007.
- MACHADO, M.F. *Escritório Edison Musa, 1963-1983: como trabalhava um escritório de arquitetura de grande porte no Rio de Janeiro pós-Brasília*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- NUSSAUME, Y. *Anthologie critique de la théorie architecturale japonaise: le regard du milieu*. Bruxelles: Ousia, 2004.
- RUDOFKSY, B. *Architecture without architects*. New York: MOMA, 1964.

SCOFFIER, R. Os quatro conceitos fundamentais da arquitetura contemporânea, In: OLIVEIRA, B. *et al. Leituras em teoria da arquitetura I: conceitos*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009. p.162-236.

SHINOHARA, K. Towards architecture. *Japan Architect*, v.293, p. 15, 1981.

TAULOIS, N. *Porto olímpico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IAB-RJ, 2011.

VAZ, L.F.; JACQUES, P.B. Pequena historia de la favelas de Río de Janeiro. *Ciudad y Territorio*, v.35, n.136/137, p.259-272, 2003.

VAZ, L.F.; SILVEIRA, C.B. Áreas centrais, projetos urbanísticos e vazios urbanos. *Território*, v.7, p.51-66, 1999.

VIRILIO, P.; PARENT, C. *Architecture principe*. Paris: Les Editions de l'Imprimeur, 1967.

Recebido em
4/7/2012,
reapresentado em
3/1/2013 e aceito
para publicação em
14/2/2013.

GUILHERME LASSANCE Professor Doutor | Universidade Federal do Rio de Janeiro | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura | Av. Pedro Calmon, 550, sala 433, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, 22411-010, Rio de Janeiro, RJ, Brasil | *E-mail*: <lassance@ufrj.br>.